

O Pregão de S. Nicolau

Recitado no dia 5 de Dezembro de 1971 pelo Estudante do 7.º Ano do Liceu Nacional de Guimarães

A Juventude Vimaranesa
dedica um estudante VELHO-NOVO

Manuel Gomes Fernandes

**Eu, Barão Assinalado e condecorado
Com medalhas, medalhões e outras condecorações
Das Ordens dos Caquinhos, da Imperial e do Condado
Faço saber que entre outras disposições
As que se seguem têm valor sagrado:**

- PRIMEIRO:** O Pregão é para o médico e para o sapateiro;
- SEGUNDO:** O Pregão entra a manso e entra a fundo;
- TERCEIRO:** O Pregão sai sempre depois do Pinheiro;
- QUARTO:** O Pregão tem palha para burro farto;
- QUINTO:** Se faltar o branco beba-se tinto;
- SEXTO:** Ruminai a ideia e limpai-o ao texto;
- SÉTIMO:** O Pregão pode levar palavrão sem étimo;
- OITAVO:** É proibido dar ao rabo;
- NONO:** Quanto mais filhos... mais abono...
- DÉCIMO:** Livre-nos Deus do mau, do pior e do péssimo.

Podem vir canhões e bombas tonitruantes
Trinitroglicerina em forte explosão
Que se há-de ouvir altiva como dantes
Em todo o Universo, a **Voz do Pregão!**

Amigos Nicolinos, piões sem vintém
Mostrai que sois alguém, entrái também na festa
Erguei a maçon-ta e olhai com desdém
A corja de peraltas que o ar empesta.

Depois de bem regadas as terras figadais
Partamos de viagem nas asas de Eolo
Rumo ao misterioso céu dos MAIORES
Que andaram um dia com a festa ao colo:

Voltaremos depois de lição aprendida
A espalhar no Cosmos o nosso saber
Ensinando aos povos que não custa a vida
O que custa — isso sim — é saber viver!

Seja então a palavra a moeda corrente
E mesmo os que não ouvem passam a ouvir
Transforme-se o poema em estrela cadente
Rasgando no Olimpo as sendas do porvir.

Irrompa a verdade das entranhas do medo
Qual vulcão furioso e de medonha luz
Que faça do internó um simples arremedo
E trague deste mundo os falsos Belzebus...

Cale-se do Pirrónico, a voz que proclama
Que se apagou no povo a chama do bairrismo
A gente do Concelho há muito ganhou fama
De ser contra o marasmo e contra o atavismo!
Lembrando cavaleiros aos pés de sua dama
Os filhos desta terra prenhe de civismo
Escreveram um dia, ali em frente à Câmara
Páginas brilhantes de Vimaranesismo.

O evento galgou as portas da cidade
Chamando a atenção das nossas forças vivas
Que ao verem chegada a hora da verdade
Lá raparam do saco das iniciativas.
Vieram estatutos para a UNIDADE
Construiu-se, depois de etapas sucessivas
Dos empreendimentos a Sociedade
Que nem por sonhos tem intenções lucrativas!!

A força de bater abriram-se os portais
Por onde saíram lufadas de progresso
Soprando de rajada rumo a Guimarães
Manhã da Lusa Pátria que aqui teve berço:
Erguer-se-ão hotéis, imóveis colossais
Piscinas com banho ao povo a baixo preço
Lotes na Conceição e casas bestiais
Com rendas a duzentos, estão já em começo!

Até o S. Mamede ousou botar figura
Tomando parte activa nas inovações
Já traçou num cinema a sua assinatura
E pensa construir em boas condições
Um aeroporto de grande envergadura
Destinado a jactos e outros aviões.
Viva S. Mamede! Viva S. Nicolau!
E viva o Pirata da Perna de Pau!

Os Correios vão ter um palácio sem bobo
E andam agora de maço para cabaço:
Esperemos que ele fique com o dobro
Mesmo que construído sobre igual espaço!
E um milagre assim fará vibrar o povo
Que esperará na bicha afolto o seu pedaço
Contente de lá ver um guichezinho novo
Com tarifa dobrada para um selo escasso...

Ali entre penedos, Virgem alcandorada
Egéria de poetas, altar de oração
A Penha tem vivido sempre abandonada
À espera que alguém a tome em atenção.
Assim fez a Tevé de antena alevantada
Dando cá p'ra baixo programas de tostão.
Nossa Penha feliz, agora remocada
Cansada do farnel na gruta do Ermitão
Terás no teu sopé do Turismo a Pousada
E no alto a brilhar um Hotel muito bom.

O Vitória brindou-nos com tamanho susto
Usando e abusado da nossa paixão
Mas conseguiu manter-se embora a muito custo
Entre os manda-chuvas da grande divisão.
Indo buscar ao Porto o tal pontinho justo
Que fez Braga ficar viúva do caixão
Que andou a construir no seu desejo «augusto»
De lançar para a rua nova procissão!

Façamos uma vénia aos tempos que lá vão
Em que se ia ao Liceu buscar a sapiência
Agora os estudantes saem à pressão
A ver pelo canudo o Mundo da Ciência.

Sete anos não chegam para adaptações
Aos novos professores que andam num vai-vém:
A nossa formatura é feita às prestações...
E no final a culpa não é de ninguém!

Caminhamos, porém, na senda do progresso
— Lei da evolução na continuidade —
A Reforma tocou as raíças do sucesso:
(*Agência Nacional da Publicidade*).

Na Magna Assembleia em alas repartida
Foi ano d'arrebenta e largas discussões.
Analisou-se o mal, pôs-se o dedo na ferida
Com muito a escolher e poucas opções.

A Imprensa viu chegar por fim a sua hora
E deixa o jornalismo as ruas da amargura
E a Constituição na redacção de agora
Promete ser melhor, lei básica da pura!

O Zé Paroquiano vestido a rigor
Usando do direito de cidadania
Foi junto das urnas na graça do Senhor
Eleger nova Junta em sua freguesia;
Contudo em S. Torcato o caso foi pior:
No meio do barulho ninguém se entendia
E teve o acto graça e muito folclore
Quase se transformando em grande romaria...

Não falta que fazer aos agentes da guarda
Que protegem o louco e o tolo estouvado.
Mas para a segurança reinar na estrada
Tem que vir para a rua o guarda diplomado.

Precisa a nossa estrada de muitas correcções
O Código de ter estrutura alterada:
Que as multas esvaziem os bolsos dos peões
Que andam por aí de tórma descuidada!
Que tragam no traseiro enormes lampeões
A frente da barriga bem sinalizada
E deixem de levar no dito os encontros
Do carro voador ou da motorizada...

Guerra à invalidez! Viva o homem são!
— Projecto Piloto de Medicina em Massa —
O Zé já pode ver se tem alta tensão
Sem dispendir vintém; fica tudo de graça!!!

Eis a melhor maneira — rápida e segura —
De terminar de vez com a enfermidade
Passando a haver então saúde com fartura
E «jovens» com mais de cem anos de idade



«O preço das cebolas? Diga lá patroa.
Caramba, Tanta massa. Temos que ir roubar...
Depois inda querem c'a gente seja boa
Isto não pôde ser... isto tem que mudar...»
Eis um pequeno naco tirado à toa
Por quem foi ao mercado só para escutar
A mulher que marraha, o homem que apregoa: —
«*Pagas e não bufas e é se queres comprar.*»

É pop, é de bom gosto, ir a festivais:
A música, as flores, o sonho e a magia
São para a gente nova as coisas viscerais.
Vilar dos Mouros viu, da noite para o dia,
Seu nome saliente em todos os jornais,
O que há muitos anos não acontecia.
Até o Zé Lisboa foi com os demais
E também desmaiou com tanta gritaria...

E vós, Deusas eleitas de curvas elegantes,
Moçoilas, Donzelas e Damas de brasão,
Umas em cuecas, ou melhor, em *hot-pants*,
Outras a passear caezinhos pela mão,
Porque é que dais treta a esses meliantes
Que andam para aí com focinhos de cão
Em burras a motor de cores extravagantes —
Tristes cavaleiros sem lança nem pendão!

Mas, porém, apesar, todavia, contudo,
Continuais a ser a nossa tentação.
Basta que ordeneis: faremos quase tudo
Para acender em vós o fogo da paixão.

Por isso, tomai nota, amadas companheiras:
Aqui fica o convite para a nossa festa:
Deixai-vos de atavios; não tenhais peneiras
E vinde aproveitar o pouco que ainda resta.
Acabai para sempre com as brincadeiras
Que a malta repudia, que a malta detesta
De deixar toda a noite a romper as cadeiras
Os que no baile, à força, escutam a orquestra.

Nos cinco Continentes a farsa continua
À sombra do direito internacional
O Homem aturdido, procura na lua
O penso para a ferida, o elixir vital,
O Titã poderoso arma a falcatrua
O pigmeu — coitado — cai como um pardal;
Chiang-Kai-Chek, «Formoso» foi posto na rua
E Mao deu na O. N. U. entrada triunfal.

Enquanto a minha voz dá a alma ao Criador
Passam em revoada no meu pensamento
Ideias geniais, repletas de valor
Das quais eu já não posso dar conhecimento.
Invade-me o secão, assalta-me o torpor...
Que Baco me acuda e cesse meu tormento
Servindo-me por taça o verde trepador
Que ajude no barulho o nosso Movimento!

E se permanecer no mundo a podridão
Se contra ódio tal não existir amor
E não ultrapassar à barreira do som
O eco infernal do estudantil tambor
Mantende em vosso peito a força do leão
Vede na caixa ou bombo a fuça dum creador
E chegai-lhe a preceito e cheios de razão
Como fiz por aí muito bom pagador...

ATENÇÃO NICOLINOS!

Concentrei nesses punhos a força muscular
Expulsei o silêncio da face da terra
Arrebentai os bombos; deixai-os a sangrar
Lancei a confusão! Ponde isto em pé de guerra!

DEZEMBRO DE 1971.

A. Rocha e Costa.